

PROJEÇÕES DO AGRONEGÓCIO – Brasil 2017/18 a 2027/28 – Projeções de Longo Prazo

O Departamento de Crédito e Estudos Econômicos, da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) publicou, em agosto último, uma atualização e revisão do estudo Projeções do Agronegócio – Brasil 2016/17 a 2026/27. O trabalho tem como objetivo indicar direções do desenvolvimento e fornecer subsídios aos formuladores de políticas públicas quanto às tendências dos principais produtos do agronegócio. Também atender a um grande número de usuários dos diversos setores da economia nacional e internacional para os quais as informações ora divulgadas são de enorme importância. As tendências indicadas visam permitir identificar trajetórias possíveis, bem como estruturar visões de futuro do agronegócio no contexto mundial.

O PIB agropecuário cresceu 13,0% no ano de 2017, enquanto o PIB da economia foi de 1,0%. O ano de 2018 não deverá repetir os resultados de 2017, mas informações divulgadas pelo IBGE mostram que o PIB nacional acumulado nos últimos 4 trimestres (iniciando em abril de 2017 até março de 2018) cresceu 1,3%, enquanto a agropecuária teve aumento de 6,1%.

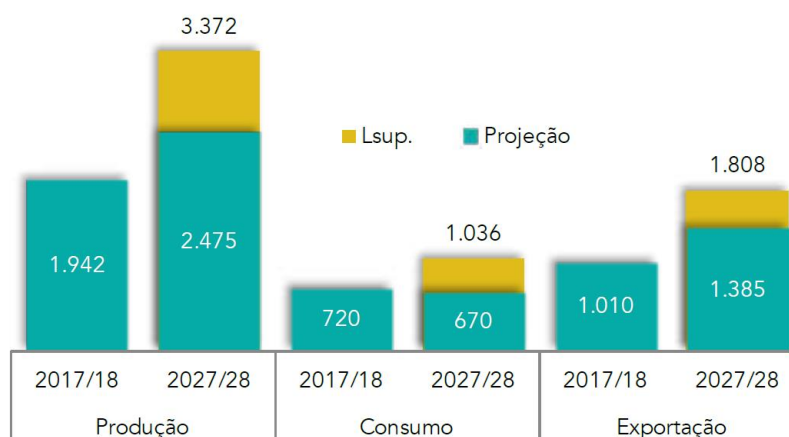
As projeções desse estudo foram realizadas em geral para produção, consumo, exportação, importação e área plantada, para o período 2017/18 a 2027/28, utilizando modelos econométricos específicos para 29 produtos do agronegócio: milho, milho de segunda safra, soja, trigo, laranja, suco de laranja, carne de frango, carne bovina, carne suína, cana-de-açúcar, açúcar, algodão, farelo de soja, óleo de soja, leite in natura, feijão, arroz, batata inglesa, mandioca, fumo, café, cacau, uva, maçã, banana, manga, melão, mamão, papel e celulose. Aqui, serão abordados alguns produtos, cuja produção tem destaque em estados da área de atuação do Banco do Nordeste.

Algodão em pluma

A produção de algodão em 2017/18 concentra-se especialmente nos estados de Mato Grosso e Bahia, sendo o primeiro responsável por 65,7% da produção nacional e o segundo por 23,3%. A Bahia expandiu a sua participação na produção nacional neste ano.

As projeções para o algodão em pluma indicam produção de 1,9 milhão de toneladas em 2017/18 e de 2,5 milhões de toneladas em 2027/28. Essa expansão corresponde a uma taxa de crescimento de 3,1% ao ano durante o período da projeção e a uma variação de 27,4% na produção. O consumo desse produto no Brasil deve apresentar ligeira redução nos próximos dez anos, situando-se em 670 mil toneladas. Segundo informações deste ano da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico e Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (OECD-FAO), isso deve destacar a importância do mercado internacional para o crescimento do setor nos próximos anos. As exportações mundiais de algodão em pluma, segundo dados de 2018 do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), têm previsão de expansão em 51,0% entre 2017/18 a 2027/2028. Em 2027/28 o algodão do Brasil deve representar cerca de 13,8% do comércio mundial desse produto, segundo estimativas do USDA.

Gráfico 1 - Produção, consumo e exportação de algodão em pluma (mil toneladas)



Fonte: CGEA/DCEE/SPA/Mapa e SIRE/Embrapa

Nota: Lsup. – Limite superior da projeção.

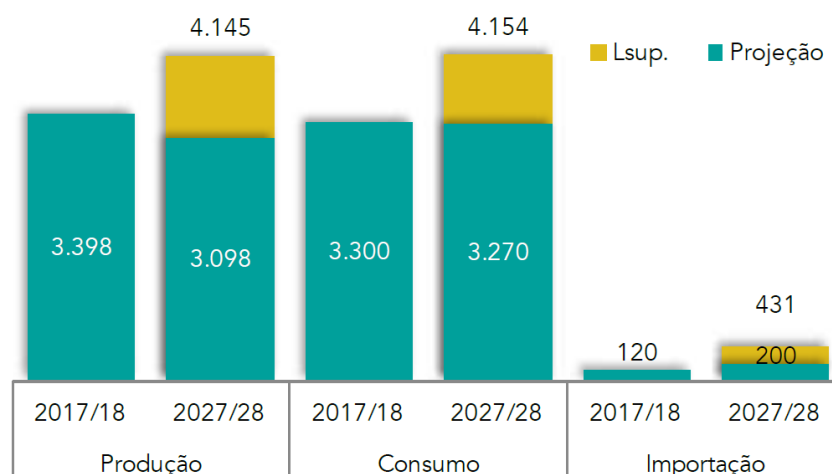
Feijão

A produção de feijão é distribuída por vários estados, embora os principais sejam Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e Bahia, que produzem atualmente 67,0% do total nacional. Na área de atuação do Banco do Nordeste, destacam-se Minas Gerais, 2º produtor nacional, com 15,8%, e a Bahia, com 8,3%, sendo o 5º estado em produção.

Como o arroz, o feijão é parte da cesta básica dos brasileiros. É o produto que mais tem a produção ajustada ao consumo interno, tendência que deve se manter nos próximos anos. O feijão tem uma taxa de crescimento anual da produção prevista entre -0,1% e 1,9% nos próximos 10 anos. Isso representa manter, no final do período das projeções, praticamente a mesma produção atual (3.398 mil toneladas). O consumo médio anual tem sido de cerca de 3,0 milhões de toneladas, exigindo pequenas quantidades de importação, as quais têm se situado entre 150 e 300 mil toneladas por ano.

Segundo técnicos da Embrapa Arroz e Feijão, temos hoje algumas variedades de feijão que podem ser utilizadas para exportação. Se essa nova oportunidade se consolidar, a projeção de produção terá de ser ajustada para cima. Dentro desta perspectiva e dada a manutenção do consumo interno, não se acredita haver redução forte de área plantada nos próximos anos. A produtividade deve aumentar em relação aos níveis atuais, pois produtores de soja e milho estão produzindo feijão para exportação destinada à China, Índia e alguns países da África. O Nordeste, apesar de grande produtor desse produto, tem importado feijão de outros estados em períodos de seca. Atualmente, apenas o Mato Grosso tem produzido feijão para exportação.

Gráfico 2 - Produção, consumo e exportação de feijão (mil toneladas)



Fonte: CGEA/DCEE/SPA/Mapa e SIRE/Embrapa

Nota: Lsup. – Limite superior da projeção.

Soja em Grão

A produção de soja no país para 2017/18, segundo dado da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), está estimada em 117,0 milhões de toneladas. A produção é liderada pelos estados de Mato Grosso, com 27,3% da produção nacional; Paraná com, 16,3%; Rio Grande do Sul com 14,5%; Goiás, 9,9%; Mato Grosso do Sul, 8,2%, Minas Gerais e Bahia, com igual participação de 4,4%. Mas, a produção de soja está migrando também para novas áreas no Maranhão, Tocantins, Pará, Rondônia, Piauí e Bahia, que em 2017/18 respondem por 14,0% da produção brasileira, que corresponde a uma produção de 16,4 milhões de toneladas de soja.

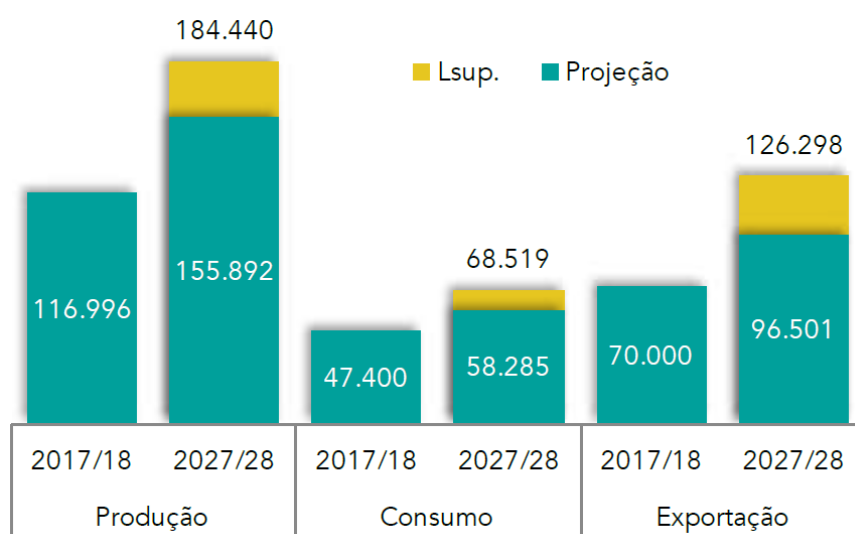
Ainda segundo dados de 2018 da Conab, a projeção da produção de soja em grão para 2027/28 é de 155,9 milhões de toneladas. Esse número representa um acréscimo de 33,2% em relação à produção de 2017/18. Mas é um percentual que se situa abaixo do crescimento ocorrido nos últimos 10 anos no Brasil, que foi de 106,5%. O consumo doméstico de soja em grão deverá atingir 58,3 milhões de toneladas no final da projeção, mas que pode chegar a 68,5 milhões de toneladas em 2027/28 (23,0%).

A área de soja deve aumentar 10,0 milhões de hectares nos próximos 10 anos, chegando em 2028 a 45,1 milhões de hectares. É a lavoura que mais deve expandir a área na próxima década. Representa um acréscimo de 28,4% sobre a área que temos com soja em 2017/18. Estima-se que a expansão de área deve ocorrer em áreas de grande potencial produtivo, como as de cerrados compreendidas na região que atualmente é chamada de Matopiba, por compreender terras situadas nos estados de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Nessa região, a área plantada de grãos deve expandir-se 15,7% nos próximos 10 anos. Isso equivale a atingir a área de 8,9 milhões de hectares, que em seu limite superior pode alcançar 11,4 milhões de hectares. A produção de grãos nos estados que compreendem essa região deve passar de 23,2 milhões de toneladas em 2017/18 para 21,6

milhões em 2027/28. Em seu limite superior a produção no final do período pode atingir 29,0 milhões de toneladas de grãos, embora este valor esteja condicionado à disponibilidade de água.

A produtividade é considerada pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) como grande desafio nos próximos anos. Essa preocupação é evidenciada pelo fato de que as projeções da produtividade mostram uma relativa estagnação, cuja média nacional fica em torno de 3,0 toneladas por hectare. Está projetada para atingir entre 3,4 e 3,9 toneladas por hectare no próximo decênio.

Gráfico 3 - Produção, consumo e exportação de soja em grão (mil toneladas)



Fonte: CGEA/DCEE/SPA/Mapa e SIRE/Embrapa

Nota: Lsup. – Limite superior da projeção.

Café

Estimativas para 2018 indicam uma safra de 58,0 milhões de sacas de 60 kg, correspondendo a 3,48 milhões de toneladas de café. Dessa produção, 55% são produzidos em Minas Gerais, 22% em Espírito Santo, 10% em São Paulo, Bahia, 8% e Rondônia, 4%. As projeções mostram que a produção em 2027/2028 deve situar-se em 71 milhões de sacas. Essa produção deve ficar cerca de 23,1% maior do que a observada em 2018.

As exportações estão projetadas para 34,0 milhões de sacas, um aumento de 5,0 milhões em relação a 2018. Informações do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé, 2018) apontam que, diante da evolução das exportações, acredita-se que as vendas externas poderão chegar a 37 milhões de sacas, considerando-se as vendas externas de café solúvel.

Há preocupação e evidências, todavia, de que as mudanças climáticas possam afetar a produção de café e de outras culturas e criações. Informações de 2016 do Bureau de Inteligência Competitiva do Café mostram que a elevação de temperatura poderá reduzir a área apta ao cultivo de café pela metade nas próximas três décadas.

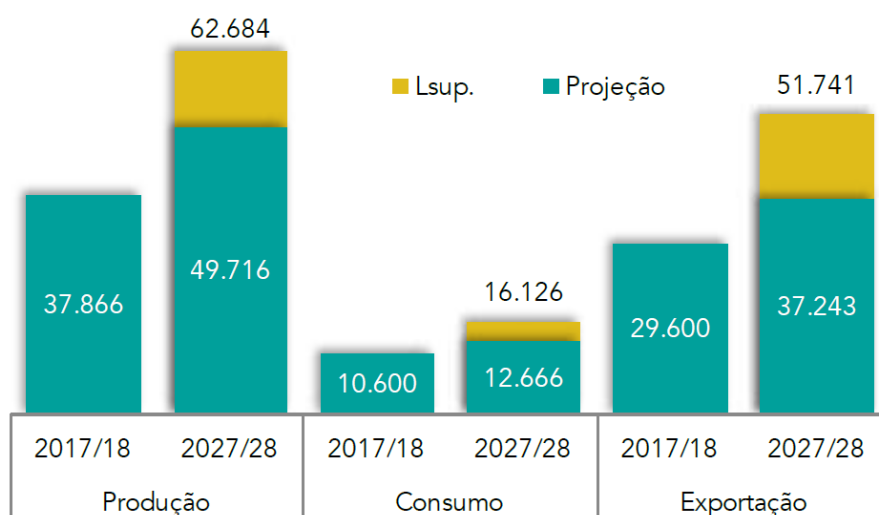
Açúcar

As estimativas obtidas para a produção brasileira de açúcar indicam uma taxa média anual de crescimento de 3,3% no período 2017/2018 a 2027/2028. Essa taxa deve conduzir a uma produção de 49,7 milhões de toneladas em 2027/28. Essa produção corresponde a um acréscimo de 31,3% em relação a 2017/18. O consumo de açúcar para a próxima década está previsto crescer a uma taxa anual de 1,8%. Isso equivale a passar de um consumo de 10,6 milhões de toneladas em 2017/18 para 12,7 milhões no final da projeção. O volume exportado em 2027/28 está projetado em 37,2 milhões de toneladas e corresponde a um aumento de 25,8% em relação às exportações de 2017/18 e a uma taxa anual de 2,8%.

Embora com hegemonia absoluta de São Paulo (51,5%), existem áreas de plantio de cana-de-açúcar no Nordeste em uma faixa que se estende pela região litorânea, desde Sergipe até o Rio Grande do Norte, e parte do interior do Ceará, sendo as maiores áreas na Região em Alagoas (3,5%), Pernambuco (2,6%) e Paraíba (1,4%).

As estimativas da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), órgão ligado ao Ministério de Minas e Energia, para o volume de etanol necessário para o atendimento da demanda em 2030 varia entre 42,8 bilhões de litros no cenário de baixo crescimento e 54 bilhões para o cenário de alto crescimento da economia. Apesar de toda expectativa, a situação financeira das empresas produtoras de açúcar e etanol ainda é delicada. Muitas ainda não estão em condições de melhorar sua produtividade com os tratamentos culturais necessários ao bom desenvolvimento da matéria prima. No curto prazo, não há qualquer investimento novo significativo que projete uma elevação da produção de cana-de-açúcar e, por conseguinte a produção de etanol para o atendimento do mercado.

Gráfico 4 - Produção, consumo e exportação de açúcar (mil toneladas)



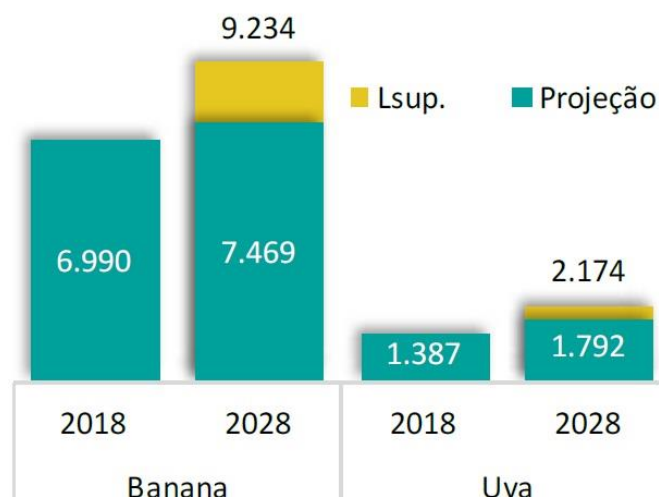
Fonte: CGEA/DCEE/SPA/Mapa e SIRE/Embrapa

Nota: Lsup. – Limite superior da projeção.

Frutas

As frutas têm apresentado importância crescente no país, tanto no mercado interno como no internacional. Segundo dados do Mapa, em 2017, o valor das exportações de frutas (inclui nozes e castanhas) foi de US\$ 946,79 milhões e a quantidade exportada foi de 878 mil toneladas. A banana é a fruta que apresenta maior dispersão geográfica no país, mas São Paulo (16,3%), Bahia (13,0%), Minas Gerais (11,6%), Santa Catarina (10,3%) e Pará (7,5%) são os principais estados produtores, com 58,8% da produção nacional na safra 2018. A uva está distribuída em Rio Grande do Sul, com 60,5% da produção nacional, seguido por Pernambuco (17,0%), São Paulo (9,3%), Santa Catarina (4,4%) e Paraná (3,8%). As projeções até 2027/2028 mostram que os maiores aumentos de produção de frutas no período devem ocorrer no melão, 34,9%, maçã, 26,1%, uva, 29,2% e manga, 14,2%, todos em relação a 2017/18.

Gráfico 5 - Produção, consumo e exportação de banana e uva (mil toneladas)



Fonte: CGEA/DCEE/SPA/Mapa e SIRE/Embrapa

Nota: Lsup. – Limite superior da projeção.

Resultados das Projeções Regionais

As projeções regionais têm por objetivo indicar possíveis tendências de alguns produtos selecionados nas principais regiões produtoras e regiões em expansão e também mostrar as previsões de forma um pouco mais desagregada. As projeções foram realizadas apenas para produção e área plantada porque não se dispõe de informações mais detalhadas como nas projeções nacionais.

A produção de cana-de-açúcar deve apresentar expansão em todos os estados considerados. Mas a maior expansão deve ocorrer em Goiás (37,8%), Mato Grosso (27,1%), Paraná (27,5%), Minas Gerais (26,5%), e São Paulo (23,5%). A produtividade média prevista para a cana-de-açúcar (para açúcar e álcool) no Brasil ao final do período das projeções é de 75,3 toneladas por hectare. A média de 2017/18 é de 72,5 toneladas por hectare. A produtividade prevista é considerada baixa por

técnicos consultados que também analisaram estas projeções. Mas é possível que a expansão do produto em outros estados emergentes levem a rendimentos iniciais mais baixos devido aos padrões de terra e tecnologia.

A expansão da produção de milho nos próximos anos deve ocorrer principalmente no Mato Grosso (45,5%), Tocantins (41,8%) e Mato Grosso do Sul (37,0%). Na área de atuação do Banco do Nordeste, destacam-se Bahia (22,4%), Minas Gerais (19,2%) e Maranhão (17,2%). As informações disponíveis indicam que esse aumento de produção deve ocorrer principalmente através do milho de segunda safra que tem obtido resultados surpreendentes. A soja deve apresentar expansão da produção e área em todos os estados analisados no estudo, nos quais também se incluem Bahia, Minas Gerais e Maranhão. Na produção de uva, o maior destaque vai para o estado de Pernambuco, com projeção da expansão da produção em 57,3% e 42,3% em área de plantio.

Tabela 1 - Projeções Regionais - 2017/2018 a 2027/2028 - Estados selecionados do Estudo que pertencem à área de atuação do Banco do Nordeste

	Produção (mil t)			Área Plantada (mil ha)		
	2017/18	2027/28	Var %	2017/18	2027/28	Var %
	Milho – mil toneladas			Mil Hectares		
BA	2.320	2.840	22,4	611	643	5,2
MA	2.157	2.529	17,2	488	371	-23,9
MG	7.310	8.717	19,2	1.156	1.010	-12,7
	Soja Grão – mil toneladas			Mil Hectares		
BA	5.384	7.137	32,6	1.602	2.089	30,3
MA	2.931	4.032	37,6	946	1.307	38,7
MG	5.376	7.192	33,8	1.490	1.908	28,1
	Cana-de-Açúcar – mil toneladas			Mil Hectares		
MG	69.771	88.292	26,5	898	1.117	24,4
	Uva – mil toneladas			Mil Hectares		
PE	235	370	57,3	7	10	42,3
	MATOIPIBA – mil toneladas			Mil Hectares		
MATOIPIBA	23.221	25.420	9,5	7.688	8.775	14,1

Fonte: CGEA/DCEE/SPA/MAPA e SIRE/Embrapa – Elaboração: ETENE/BNB

A região formada pelos estados de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, conhecida como MATOIPIBA, tem uma dinâmica diferenciada de crescimento. Por esta razão o interesse em apresentar os resultados das principais projeções. Seu crescimento tem sido extraordinário. Os quatro estados devem atingir uma produção de grãos de 25,4 milhões de toneladas nos próximos 10 anos numa área plantada de, 8,8 milhões de hectares em 2027/28.

As áreas que vem sendo ocupadas nesses estados têm algumas características essenciais para a agricultura moderna. São planas e extensas, solos potencialmente produtivos, disponibilidade de água, e clima propício com dias longos e com elevada intensidade de sol. A limitação maior, no entanto são as precárias condições de logística, especialmente transporte terrestre, portuário, comunicação e, em algumas áreas, ausência de serviços financeiros.

Tabela 2 - Projeções MATOPIBA 2017/2018 a 2027/2028

MATOPIBA	Produção (mil t)			Área Plantada (mil ha)		
	2017/18	2027/28	Var %	2017/18	2027/28	Var %
Grãos	23.221	25.420	9,5	7.688	8.775	14,1
	Milho – mil toneladas			Mil Hectares		
Balsas – MA	252	344	36,2	195	270	38,5
Tasso Fragoso - MA	479	647	34,9	177	241	36,2
Campos Lindos - TO	212	309	45,7	69	100	45,0
Baixa Grande do Ribeiro - PI	196	276	40,8	147	214	45,7
Uruçuí - PI	128	179	39,4	123	172	40,3
Barreiras - BA	375	368	-1,9	161	151	-6,4
Correntina - BA	483	619	28,1	210	262	24,6
Formosa do Rio Preto - BA	828	1.131	36,6	422	582	37,8
Luís Eduardo Magalhães - BA	465	479	3,0	145	142	-2,2
São Desidério - BA	1.096	1.277	16,6	400	519	29,9

Fonte: CGEA/DCEE/SPA/MAPA e SIRE/Embrapa – Elaboração: ETENE/BNB

Resumo dos Principais Resultados

Os produtos mais dinâmicos do agronegócio brasileiro deverão ser carne suína, soja em grão, algodão em pluma, celulose, carne bovina, milho, carne de frango, leite e açúcar. Entre as frutas os destaques são para a manga, uva, melão e mamão. O mercado interno e a demanda internacional serão os principais fatores de crescimento para a maior parte desses produtos. São os que indicam também o maior potencial de crescimento da produção nos próximos dez anos.

A produção de grãos deverá passar de 232,6 milhões de toneladas em 2017/2018 para 302 milhões de toneladas em 2027/28. Isso representa uma taxa anual média de crescimento de 2,5%. A área de grãos deve expandir-se dos atuais 61 milhões de hectares para 71 milhões de hectares em 2027/28. Esse avanço, entretanto, exigirá um esforço de crescimento que deve consistir em infraestrutura, investimento em pesquisa e financiamento. Essas estimativas são compatíveis com a expansão da produção de grãos nos últimos dez anos onde a produção cresceu 70,0% (Conab, 2018). Esse resultado indica haver potencial de crescimento para atingir os valores projetados. Milho de segunda safra, soja e trigo devem continuar puxando o crescimento de grãos.

Bibliografia

BRASIL. Ministério da Agricultura, pecuária e Abastecimento: **Projeções do Agronegócio – Brasil 2017/18 a 2027/28 – Projeções de Longo Prazo**. Disponível em: http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/todas-publicacoes-de-politica-agricola/projecoes-do-agronegocio/banner_site-03-03-1.png/view. Acesso em: outubro de 2018

Dicas para Sustentabilidade na Agropecuária

Você sabe o que é Agricultura de Baixa Emissão de Carbono?

A produção de alimentos é um dos setores que mais contribui para a emissão de gases do efeito estufa, contribuindo para o aquecimento global e, por consequência, para as mudanças climáticas. Em resposta a essa constatação, no Plano Agrícola e Pecuário 2010/2011 foi criado o "Programa para Redução da Emissão de Gases de Efeito Estufa na Agricultura (Programa ABC)", uma linha de crédito instituída pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), e aprovada pela Resolução BACEN nº 3.896 de 17/08/10, que disponibilizou recursos para financiar práticas adequadas, tecnologias adaptadas e sistemas produtivos eficientes que contribuam para a mitigação da emissão dos gases de efeito estufa.

Tais práticas envolvem: a implantação e ampliação de sistemas agroflorestais e integração de agricultura com pecuária ou de integração lavoura-pecuária-florestas; correção, adubação e implantação de práticas conservacionistas de solos; implantação e manutenção de florestas comerciais; recuperação de pastagens degradadas; implantação de sistemas orgânicos de produção agropecuária; implantação e melhoramento de sistemas de plantio direto "na palha"; adequação ou regularização das propriedades rurais frente à legislação ambiental, inclusive recuperação da reserva legal, de áreas de preservação permanente; recuperação de áreas degradadas e implantação e melhoramento de planos de manejo florestal sustentável; implantação, manutenção e melhoramento de sistemas de tratamento de dejetos e resíduos oriundos de produção animal para geração de energia e compostagem; estímulo ao uso da fixação biológica do nitrogênio; implantação, melhoramento e manutenção de plantações de açaí, cacau, oliveira e noqueira; entre outras práticas que envolvem uma produção sustentável e direcionada para uma baixa emissão de GEE.

No Plano Safra 2018/2019 o Programa ABC teve o limite máximo de financiamento por produtor alterado de R\$ 2,2 milhões para R\$ 5 milhões para todas as finalidades financiáveis, e houve redução na taxa de juros para recuperação de áreas de preservação permanente e reserva legal.

No Banco do Nordeste, os itens de financiamento do Programa ABC mencionados acima estão incorporados ao [Programa de Financiamento à Sustentabilidade Ambiental \(FNE VERDE\)](#). Procure uma agência do BNB mais próxima e invista na sustentabilidade de sua propriedade e de seu negócio!

Colaboração: Ambiente de Políticas de Desenvolvimento

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida. AMBIENTE DE POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO | Gerente de Ambiente: José Rubens Dutra Mota. Célula de Meio Ambiente, Inovação e Responsabilidade Socioambiental: Kleber de Oliveira (Gerente Executivo), Mário Eduardo Fraga da Silva, Marta Maria Aguiar Sisnando Silva Projeto Gráfico: Gustavo Bezerra Carvalho. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiários: Antônio Kassy Monteiro Costa, Dalylla Soares de Azevedo. Jovem Aprendiz: Sarah Lucena Barros.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.